

J. HERCULANO PIRES

LIBERTAÇÃO ESPIRITUAL

UMA NOVA FASE DA
EVOLUÇÃO HUMANA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

LIBERTAÇÃO
ESPIRITUAL

J. HERCULANO PIRES

LIBERTAÇÃO
ESPIRITUAL

UMA NOVA FASE DA
EVOLUÇÃO HUMANA



Editora Espírita Correio Fraterno
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955
CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP
Telefone: 11 4109-2939
correiofraterno@correiofraterno.com.br
www.correiofraterno.com.br

Vinculada ao



www.laremanuel.org.br

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Cristian Fernandes

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Eliana Haddad e Izabel Vitusso

CAPA E PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
Bruno Tonel

© 1957 José Herculano Pires

Publicado com autorização de Heloisa Ferraz Pires, Herculano Ferraz Pires, Helena Pires Bolonetti e Helenilda Pires de Castro.

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

1ª edição – Dezembro de 2017
ISBN 978-85-5455-003-5

SUMÁRIO

LIBERTAÇÃO ESPIRITUAL.....	6
A CODIFICAÇÃO ESPÍRITA	10
A FILOSOFIA ESPÍRITA	15
A DIALÉTICA ESPÍRITA.....	20
A LEGITIMIDADE DO LIVRO.....	22
O PROBLEMA CIENTÍFICO.....	28
O PROBLEMA RELIGIOSO.....	31
ESTUDOS FUTUROS	41
BIOGRAFIA	43
TÍTULOS PUBLICADOS	62
▶ OBRAS DE ALLAN KARDEC.....	65
FUNDAÇÃO MARIA VIRGÍNIA E J. HERCULANO PIRES.....	66

LIBERTAÇÃO ESPIRITUAL

UMA NOVA FASE DA EVOLUÇÃO HUMANA

COM ESTE LIVRO, a 18 de abril de 1857, raiou para o mundo a era espírita. Nele se cumpria a promessa evangélica do Consolador, do Paracleto ou Espírito da Verdade. Dizer isso equivale a afirmar que *O livro dos espíritos* é o código de uma nova fase da evolução humana. E é exatamente essa a sua posição na história do pensamento. Este não é um livro comum, que se pode ler de um dia para o outro e depois esquecer num canto da estante. Nosso dever é estudá-lo e meditá-lo, lendo-o e relendo-o constantemente.

Sobre este livro se ergue todo um edifício: o da doutrina espírita. Ele é a pedra fundamental do espiritismo, o seu marco inicial. O espiritismo surgiu com ele e com ele se propagou, com ele se impôs e consolidou no mundo. Antes deste livro não havia espiritismo, e nem mesmo esta palavra existia. Falava-se em espiritualismo e neoespiritualismo, de maneira geral, vaga e nebulosa. Os fatos espíritas, que sempre existiram, eram interpretados das mais diversas maneiras. Mas, depois que Allan Kardec o lançou à publicidade, “contendo os princípios da doutrina espírita”, uma nova luz brilhou nos horizontes mentais do mundo.

Há uma sequência histórica que não podemos esquecer, ao tomar este livro nas mãos. Quando o mundo se preparava para sair do caos das civilizações primitivas, apareceu Moisés, como o condutor de um povo destinado a traçar as linhas de um novo mundo: e de suas mãos surgiu a Bíblia. Não foi Moisés quem a escreveu, mas foi ele o motivo central dessa primeira codificação do novo ciclo de

ANTES DESTES
LIVRO NÃO HAVIA
ESPIRITISMO, E
NEM MESMO ESTA
PALAVRA EXISTIA

revelações: o cristão. Mais tarde, quando a influência bíblica já havia modelado um povo, e quando este povo já se dispersava por todo o mundo gentio, espalhando a nova lei, apareceu Jesus: e das suas palavras,

recolhidas pelos discípulos, surgiu o Evangelho.

A Bíblia é a codificação da primeira revelação cristã, o código hebraico em que se fundiram os princípios sagrados e as grandes lendas religiosas dos povos antigos. A grande síntese dos esforços da Antiguidade em direção ao espírito. Não é de admirar que se apresente muitas vezes assustadora e contraditória para o homem moderno. O Evangelho é a codificação da segunda revelação cristã, a que brilha no centro da tríade dessas revelações, tendo na

figura do Cristo o sol que ilumina as duas outras, que lança a sua luz sobre o passado e o futuro, estabelecendo entre ambos a conexão necessária. Mas assim como na Bíblia já se anunciava o Evangelho, também neste aparecia a predição de um novo código, o do Espírito da Verdade, como se vê em João, 14. E o novo código surgiu pelas mãos de Allan Kardec, sob a orientação do Espírito da Verdade, no momento exato em que o mundo se preparava para entrar numa fase superior do seu desenvolvimento.

Hegel, em suas lições de estética, mostra-nos as criações monstruosas da arte oriental – figuras gigantescas, de duas cabeças e muitos braços e pernas, e outras formas diversas –, como a primeira tentativa do Belo para dominar a matéria e conseguir exprimir-se através dela.

A matéria grosseira resiste à força do ideal, desfigurando-o nas suas representações. Mas acaba sendo dominada, e então aparecem no mundo as formas equilibradas e harmoniosas da arte clássica. Atingido, porém, o máximo de equilíbrio possível, o Belo mesmo rompe esse equilíbrio, nas formas românticas e modernas da arte, procurando superar o seu instrumento material, para melhor e mais livremente se exprimir.

Essa grandiosa teoria hegeliana nos parece perfeitamente aplicável ao processo das revelações cristãs: das

formas incongruentes e aterradoras da Bíblia, passamos ao equilíbrio clássico do Evangelho, e deste à libertação espiritual de *O livro dos espíritos*. Cada fase da evolução humana se encerra com uma síntese conceptual de todas as suas realizações. A Bíblia é a síntese da Antiguidade, como o Evangelho é a síntese do mundo greco-romano-judaico, e *O livro dos espíritos* a do mundo moderno. Mas cada síntese não traz em si tão somente os resultados da evolução realizada, porque encerra também os gérmens do futuro.

E na síntese evangélica temos de considerar, sobretudo, a presença do Messias, como uma intervenção direta do Alto para a reorientação do pensamento terreno. É graças a essa intervenção que os princípios evangélicos passam diretamente, sem necessidade de readaptações ou modificações, em sua pureza primitiva, para as páginas deste livro, como as vigas mestras da edificação da nova era.

O NOVO CÓDIGO SURTIU PELAS MÃOS DE ALLAN KARDEC, SOB A ORIENTAÇÃO DO ESPÍRITO DA VERDADE, NO MOMENTO EXATO EM QUE O MUNDO SE PREPARAVA PARA ENTRAR NUMA FASE SUPERIOR DO SEU DESENVOLVIMENTO.

A CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS NÃO É, porém, apenas, a pedra fundamental ou o marco inicial da nova codificação. Porque é o seu próprio delineamento, o seu núcleo central e ao mesmo tempo o arcabouço geral da doutrina. Examinando-o, em relação às demais obras de Kardec, que completam a codificação, verificamos que todas essas obras partem do seu conteúdo. Podemos definir as várias zonas do texto, correspondentes a cada uma delas.

Assim como, na Bíblia, há o núcleo central do Pentateuco, e no Evangelho o do ensino moral do Cristo, no *Livro dos espíritos* podemos encontrar uma parte que se refere a ele mesmo, ao seu próprio conteúdo: é o constante dos Livros I e II, até o capítulo quinto. Este núcleo representa, dentro da esquematização geral da codificação, que encontramos no livro, a parte que a ele corresponde. Quanto aos demais, verificamos o seguinte:

1º) O *livro dos médiuns*, sequência natural deste livro, que trata especialmente da parte experimental da doutrina, tem a sua fonte no Livro II, a partir do capítulo sexto até o final. Toda a matéria contida nessa parte é reorganizada e ampliada naquele livro, principalmente a referente ao capítulo nono: “Intervenção dos espíritos no mundo corpóreo”.

2º) *O evangelho segundo o espiritismo* é uma decorrência natural do Livro III, em que são estudadas as leis morais, tratando-se especialmente da aplicação dos princípios da moral evangélica, bem como dos problemas religiosos da adoração, da prece e da prática da caridade. Nessa parte o leitor encontrará, inclusive, as primeiras formas de “Instruções dos espíritos”, comuns àquele livro, com a transcrição de comunicações por extenso e assinadas, sobre questões evangélicas.

3º) *O céu e o inferno* decorre do Livro IV, “Esperanças e consolações”, em que são estudados os problemas referentes às penas e aos gozos terrenos e futuros, inclusive com a discussão do dogma das penas eternas e a análise de outros dogmas, como o da ressurreição da carne, e os do paraíso, inferno e purgatório.

4º) *A gênese, os milagres e as predições* relaciona-se aos capítulos II, III e IV do Livro I, e capítulos IX, X e XI do Livro II, assim como a partes dos capítulos do Livro III que tratam dos problemas genésicos e da evolução física da Terra. Por seu sentido amplo, que abrange ao mesmo tempo as questões da formação e do desenvolvimento do globo terreno, e as referentes a passagens evangélicas e escriturísticas, esse livro da codificação se ramifica de maneira mais difusa que os outros, na estrutura da obra-máter.

5º) Os pequenos livros introdutórios ao estudo da doutrina, *O principiante espírita* e *O que é o espiritismo*, que não se incluem propriamente na codificação, também eles estão diretamente relacionados com *O livro dos espíritos*, decorrendo da “Introdução” e dos “Prolegômenos”.

A codificação se apresenta, pois, como um todo homogêneo e conseqüente. À luz desse estudo, caem por terra as tentativas de separar um ou outro livro do bloco da codificação, como possível expressão de uma forma diferente de pensamento. E note-se que as ligações aqui assinaladas, de maneira apenas formal, podem e devem ser esclarecidas em profundidade, por um estudo minucioso do conteúdo das diversas partes de *O livro dos espíritos*, em confronto com os demais livros. Esse estudo exigiria, também, uma análise dos textos primitivos, como a primeira edição deste livro e a primeira de *O livro dos médiuns* e do *Evangelho*, pois, como se sabe, todas essas obras foram ampliadas por Kardec depois de suas primeiras edições, sempre sob assistência e orientação dos espíritos.

Num estudo mais amplo e profundo, seria possível mostrar-se o desenvolvimento de certos temas, que apenas colocados pelo *Livro dos espíritos* vão ter a sua solução em obras posteriores. É o que se verifica, por exemplo, com as ligações do

cristianismo e o espiritismo, que se definem completamente em *O evangelho*, ou com o problema controvertido da origem do homem, que vai ter a sua explicação definitiva em *A gênese*, ou ainda com as questões mediúnicas, solucionadas no *Livro dos médiuns*, e as teológicas e escriturísticas, no *Céu e o inferno*.

Convém notar, entretanto, que o desenvolvimento de todas essas questões não representa, em nenhum caso, a modificação dos princípios firmados neste livro. Às vezes, problemas apenas aflorados em *O livro dos espíritos* vão ser desenvolvidos de tal maneira em outras obras, que, ao lê-las, temos a impressão de encontrar novidades. A verdade, entretanto, é que neste livro eles já foram assinalados de maneira sintética. É o que ocorre, por exemplo, com

ÀS VEZES,
PROBLEMAS
APENAS
AFLORADOS EM
O LIVRO DOS
ESPÍRITOS VÃO SER
DESENVOLVIDOS
DE TAL MANEIRA
EM OUTRAS
OBRAS, QUE, AO
LÊ-LAS, TEMOS
A IMPRESSÃO
DE ENCONTRAR
NOVIDADES

o problema da evolução geral, definida por Léon Denis naquela frase célebre: “A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem”. Veja-se, a este respeito, a definição do item 540 deste livro:

“É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, de que o vosso espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto.”

A FILOSOFIA ESPÍRITA

ESTA RÁPIDA APRECIACÃO da estrutura de *O livro dos espíritos*, em suas ligações com as demais obras da codificação, parece-nos suficiente para mostrar que ele constitui, como dissemos, no início, o arcabouço filosófico do espiritismo. Contém, segundo Kardec declarou no frontispício, “Os princípios da doutrina espírita”. É, portanto, o seu tratado filosófico. Embora não tenha sido elaborado em linguagem técnica, e não observe os rigores da minuciosa exposição filosófica, é todo um complexo e amplo sistema de filosofia que nele se expõe.

Ao apreciá-lo, sob esse aspecto, devemos considerar que Kardec não era um filósofo, mas um educador, um especialista em pedagogia, discípulo emérito de Pestalozzi. Daí o aspecto antes didático do que propriamente de exposição filosófica que imprimiu ao livro.

Em segundo lugar, a obra não foi propriamente escrita por ele, mas elaborada com as respostas dadas pelos espíritos às suas perguntas, nas sessões mediúnicas, com as meninas Boudin e Japhet, e mais tarde com outros médiuns.

Em terceiro lugar, o livro não se destinava a formar escola filosófica, a conquistar os meios especializados, mas apenas a divulgar os princípios da doutrina de maneira

ampla, convocando os homens em geral para o estudo de uma realidade superior a todas as elucubrações do intelecto.

Em quarto lugar, o próprio Kardec teve o cuidado de advertir, nos “Prolegômenos”, que evitava os prejuízos do espírito de sistema, como vemos neste trecho, em que se refere ao ensino dos espíritos: “Este livro é o compêndio dos seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e sob ditado dos espíritos superiores para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema.”

Como se vê, “estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema”, e não criar uma nova escola filosófica, o que implicaria toda uma rígida sistematização. Esse propósito vem ao encontro do pensamento dos filósofos modernos, como vemos, por exemplo, em Ernest Cassirer, que em sua *Antropologia filosófica*, referindo-se à inconveniência dos sistemas, diz: “Cada teoria se converte num leito de Procusto, em que os fatos empíricos são obrigados a se acomodar a um padrão preconcebido”. Max Scheller, por sua vez, comenta: “Dispomos de uma antropologia científica, outra filosófica e outra teológica, que se ignoram entre si”. Kardec esquivou-se precisamente a isso, tanto mais que o espírito de sistema seria a própria negação dos objetivos da doutrina.

Quanto ao problema da linguagem técnica, não devemos nos esquecer de que o livro se destinava ao grande público, e não apenas aos especialistas.

Podemos lembrar, a propósito, o exemplo de Descartes que escreveu o seu *Discurso do método* em francês, quando o latim era a língua oficial da filosofia, porque desejava dar-lhe maior divulgação. Mesmo que Kardec fosse um filósofo especializado, a linguagem técnica não serviria aos seus propósitos nesta obra.

Quanto ao método didático, não seria este o primeiro livro de filosofia a dele se socorrer. Podemos lembrar, por exemplo, *A ética*, de Espinosa. Kardec inicia este livro com a definição de Deus, como Espinosa naquele, e se não segue a forma geométrica de exposição, por meio de definições, axiomas, proposições e escólios, segue entretanto a forma lógica, através de perguntas e respostas, intercaladas de comentários e explicações. Há, aliás, curiosas similaridades de estrutura, de posição, de ligações históricas e de princípios, entre esses dois livros, reclamando estudo mais aprofundado. Como as há entre o que se pode chamar a revolução cartesiana e o espiritismo, a começar pelos famosos sonhos de Descartes e a sua convicção de haver sido inspirado pelo Espírito da Verdade.

Yvonne Castellan, num breve, falho, às vezes gritantemente injusto, mas em parte simpático estudo da

doutrina, referindo-se ao *Livro dos espíritos*, mostra que: “O sistema é completo, e compreende uma metafísica, inteiramente repleta de considerações físicas ou genéticas, e uma moral”. Numa análise mais séria, a autora teria visto que a estrutura é mais complexa do que supôs.

O livro começa pela metafísica, passando depois à cosmologia, à psicologia, aos problemas propriamente espíritas da origem e natureza do espírito e suas ligações com o corpo, bem como aos da vida após a morte, para chegar, com as leis morais, à sociologia e à ética, e concluir, no Livro IV, com as considerações de ordem teológica sobre as penas e gozos futuros e a intervenção de Deus na vida humana. Todo um vasto sistema, sem as exigências opressoras ou os prejuízos do espírito de sistema, numa estrutura livre e dinâmica, em que os problemas são postos em debate.

Lembrando-nos dos primórdios do cristianismo, podemos dizer que o espiritismo tem sobre ele uma vantagem, no tocante ao problema filosófico. A simplicidade de *O livro dos espíritos* não chega ao ponto de

O ESPIRITISMO
JÁ TEM O SEU
PRÓPRIO SISTEMA,
NA FORMA IDEAL
QUE O FUTURO
CONSAGRARÁ

nos obrigar a adaptar sistemas antigos aos nossos princípios, como aconteceu com Santo Agostinho e São Tomás, em relação a Platão e Aristóteles, para a criação da chamada filosofia cristã. O espiritismo já tem o seu próprio sistema, na forma ideal que o futuro consagrará, e cujas vantagens vimos acima.

Por outro lado, é curioso notar que *O livro dos espíritos* se enquadra numa das formas clássicas e mais fecundamente livres da tradição filosófica: o diálogo. Por tudo isso, vê-se que Kardec, sem ser o que se pode chamar um filósofo profissional, tinha muita razão ao afirmar, no capítulo VI da “Conclusão”, referindo-se ao espiritismo: “Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom-senso.”

A DIALÉTICA ESPÍRITA

HEGEL DEFINIU A ESTRUTURA e a função do diálogo, identificando as suas leis com as do próprio ser: tese, antítese e síntese. Mais tarde, Marx e Engels deslocaram o diálogo dessa concepção antológica, para lhe dar um sentido materialista e revolucionário. Coube a Hamelin, entretanto, defini-lo em seu aspecto mais fecundo, como um processo de fusão necessária da tese e da antítese, na produção de uma nova ideia ou nova tese.

Este, a nosso ver, é o processo dialético do espiritismo, que em vez de dar ênfase à contradição em si, à luta dos opostos, prefere dá-la à harmonia, à fusão dos contrários, para uma nova criação. E é nesse sentido que se desenvolve o diálogo no *Livro dos espíritos*.

Nunca houve, aliás, um diálogo como este. Jamais um homem se debruçou, com toda a segurança do homem moderno, nas bordas do abismo do incognoscível, para interrogá-lo, ouvir as suas vozes misteriosas, contradizê-lo, discutir com ele, e afinal arrancar-lhe os mais íntimos segredos. E nunca, também, o abismo se mostrou tão dócil, e até mesmo desejoso de se revelar ao homem em todos os seus aspectos.

Sócrates ouvia as vozes do seu *daemon* e discutia com o Oráculo de Delfos. Mas Kardec não se limitou a isso: foi

mais longe, dialogando com todo o mundo invisível, analisando rigorosamente as suas vozes, ouvindo inferiores e superiores, para descobrir as leis desse mundo, as formas de vida nele existentes, o mecanismo das suas relações com o nosso.

O PROCESSO DIALÉTICO DO
ESPIRITISMO, QUE EM VEZ DE DAR
ÊNFASE À CONTRADIÇÃO EM SI, À
LUTA DOS OPOSTOS, PRÉFERE DÁ-LA À
HARMONIA, À FUSÃO DOS CONTRÁRIOS,
PARA UMA NOVA CRIAÇÃO

O método dialético é o processo natural do desenvolvimento, tanto do pensamento como de todas as coisas. Emmanuel, certa vez, comparou o Velho Testamento a um apelo dos homens a Deus, e o Novo Testamento, à resposta de Deus. Aceitando essa imagem, podemos dizer que *O livro dos espíritos* é a síntese desse diálogo, é o momento em que segundo a definição de Hamelin, o apelo e a resposta se fundem na compreensão espiritual, abrindo caminho a uma nova fase da vida terrena.

A LEGITIMIDADE DO LIVRO

AO PUBLICAR A GÊNESE, EM 1868, Kardec pôde acentuar que *O livro dos espíritos*, lançado dez anos antes, continuava tão sólido como então. Nenhum dos seus princípios fundamentais havia sido abalado pela experiência, todos permaneciam em pé. Hoje, cem anos depois, se ainda vivesse entre nós, o codificador poderia dizer o mesmo.

E isso num século em que o mundo se transformou de maneira vertiginosa, em que a chamada ciência positiva foi revirada de ponta a ponta, em que as concepções filosóficas sofreram tremendos impactos. Há conceitos que, à primeira vista, parecem desmentidos, ou pelo menos postos em dúvida pela ciência. É o caso do fluido universal, mas somente quando o confundimos com o conceito científico do éter espacial.

Na verdade, o desenvolvimento da ciência se processa exatamente na direção dos princípios espíritas. A desintegração da matéria pela física nuclear, a concepção da matéria como concentração de energia, a percepção cada vez mais clara de uma estrutura matemática do universo, a conclusão a que alguns cientistas são forçados a chegar, de que, por trás da energia parece haver outra coisa, que seria – tudo isso nos mostra que Kardec tinha razão ao

O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA SE PROCESSA EXATAMENTE NA DIREÇÃO DOS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS

proclamar que nem Deus, nem a religião verdadeira, nem, portanto o espiritismo tinham nada a perder com o avanço da ciência. Pelo contrário,

só tem a ganhar como os fatos demonstram, dia a dia.

Essa segurança dos princípios espíritas decorre da legitimidade da fonte espiritual deste livro, da pureza dos seus meios de transmissão mediúnica, da precisão do método kardeciano.

A fonte, como se vê pela revelação espontânea e inesperada do Espírito da Verdade a Kardec, segundo as anotações autobiográficas de *Obras póstumas*, e pela confirmação posterior de tantos outros espíritos, ou como se pode constatar, lógica e historicamente, pelo processo de restabelecimento do cristianismo, que o espiritismo realiza, é a mesma de que procedeu aquele. Não é Kardec, nem este ou aquele espírito em particular, nem um grupo de homens, mas toda a falange do Espírito da Verdade, enviada à terra em cumprimento da promessa de Jesus – a fonte espiritual de *O livro dos espíritos*.

Quanto aos meios mediúnicos de transmissão, correspondiam à pureza da fonte. As médiuns que serviram a esse trabalho foram duas meninas, Caroline e Julie Boudin, de 16 e 14 anos respectivamente, a que mais tarde se juntaria outra menina, a senhorita Japhet, no processo de revisão do livro. As reuniões se realizavam na casa da família Boudin, na intimidade do lar, entre pessoas amigas, e as respostas dos espíritos eram transmitidas por meio da cesta de bico, a que se adaptava um lápis. As meninas punham as mãos sobre a cesta e essa se movimentava, escrevendo as mensagens, com absoluta impossibilidade de ação dos médiuns na escrita. Mais tarde, seguindo instruções dos próprios espíritos, Kardec submete o livro ao controle de outros médiuns, mas todos escolhidos criteriosamente. Além disso, as respostas dos espíritos eram confrontadas com as comunicações obtidas em outros grupos, em obediência ao princípio da universalidade das revelações, que veremos a seguir.

O método de Kardec transformou-se no método da própria doutrina, e tem, na sua própria simplicidade, a garantia da sua eficiência. Podemos resumi-lo assim:

1º) Escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, tanto do ponto de vista moral, quanto da pureza das faculdades e da assistência espiritual;

2º) Análise rigorosa das comunicações, do ponto de vista lógico, bem como do seu confronto com as verdades científicas demonstradas, pondo-se de lado tudo aquilo que não possa ser logicamente justificado;

3º) Controle dos espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem;

4º) Consenso universal, ou seja, concordância de várias comunicações, dadas por médiuns diferentes, ao mesmo tempo e em vários lugares, sobre o mesmo assunto.

Armado desses princípios, escudado rigorosamente nesse critério, Kardec pôde realizar a difícil tarefa de reunir a série de informações que lhe permitiram organizar este livro. Interessante lembrar que esse mesmo critério, em parte, havia sido ensinado por João, em sua primeira epístola (4:1) bem como pelo apóstolo Paulo, em sua primeira epístola aos Coríntios. As raízes do método kardeciano estão no Novo Testamento.

Não se pode confundir, porém, o método doutrinário com os métodos de investigação científica dos fenômenos espíritas. No trato mediúnico, a premissa da existência do espírito e da possibilidade da comunicação já está firmada. O que importa é o controle da legitimidade da comunicação. Na pesquisa científica, tudo ainda está

para ser descoberto e provado. As investigações científicas podem variar infinitamente de processos e métodos, de acordo com os investigadores. As sessões mediúnicas não podem fugir ao método kardeciano, que se comprovou na prática, há um século, o único realmente eficiente, e que procede, como vimos, das reuniões mediúnicas da era apostólica.

Problemas secundários, como o da assinatura de certas comunicações por nomes célebres, são explicados por Kardec na “Introdução ao estudo da doutrina espírita”, capítulos XI e XII, para os quais remetemos o leitor interessado. Algumas pessoas perguntam por que motivo Kardec não ocultou os nomes que subscrevem os “Prolegômenos”, publicando apenas a mensagem, como fez com a maioria das respostas deste livro. Essas assinaturas, segundo dizem, afastam da obra muitos leitores, que a consideram mistificação grosseira.

O MÉTODO DE KARDEC
TRANSFORMOU-SE NO MÉTODO
DA PRÓPRIA DOUTRINA, E TEM,
NA SUA PRÓPRIA SIMPLICIDADE,
A GARANTIA DA SUA EFICIÊNCIA

A explicação está na sinceridade de Kardec e na sua fidelidade aos espíritos que lhe revelaram a doutrina. Ocultar-lhes o nome seria deixar uma possibilidade de lhe atribuírem a obra, e ele sempre fez questão de precisar que não passava de um colaborador dos autores espirituais. Além disso, suas explicações a respeito são absolutamente claras, para todos os que estão aptos a compreender o fenômeno espírita em sua plenitude.

O PROBLEMA CIENTÍFICO

KARDEC EXAMINA O PROBLEMA CIENTÍFICO do espiritismo nos capítulos VII e VIII da “Introdução ao estudo da doutrina espírita”. Vejamos um trecho bastante esclarecedor: “A ciência propriamente dita, como ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do espiritismo: não lhe cabe ocupar-se do assunto e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria.”

Não obstante, Kardec insiste no caráter científico da doutrina. Caráter próprio, como ele explica nos capítulos citados, pois se trata de uma ciência que deve ter os seus próprios métodos, uma vez que o seu objeto não é a matéria, mas o espírito.

Por que essa insistência no caráter científico? Porque *O livro dos espíritos* vem abrir uma nova era no estudo dos problemas espirituais. Até a sua publicação, esses problemas eram tratados de maneira empírica ou apenas imaginosa. As religiões, com seus intrincados sistemas teológicos, ou as ordens ocultas, as corporações místicas e teosóficas, deslocavam os problemas do espírito para o terreno do mistério. O conhecimento humano se dividia, para nos servirmos das expressões de Santo Agostinho, na “iluminação divina” e na “experiência”.

O espiritismo veio modificar essa ordem de coisas, mostrando a possibilidade de encararmos os problemas espirituais através da experiência agostiniana, ou seja, através da mesma razão que aplicamos aos problemas materiais. Nesse sentido, *O livro dos espíritos* se apresenta como um divisor de águas. Tudo aquilo que, antes dele, constitui o espiritualismo, pode ser chamado “espiritualismo utópico”, e tudo o que vem com ele e depois dele, seguindo sua linha doutrinária, “espiritualismo científico”, como fazem os marxistas com o socialismo de antes e depois de Marx.

Esta a posição especial de *O livro dos espíritos*, no plano da cultura espiritual. Com ele, o espírito e os seus problemas saíram do terreno da abstração, para se tornarem acessíveis à investigação racional, e até mesmo à pesquisa experimental. O sobrenatural tornou-se natural. Tudo

O LIVRO DOS
ESPÍRITOS VEM
ABRIR UMA NOVA
ERA NO ESTUDO
DOS PROBLEMAS
ESPIRITUAIS. ATÉ A
SUA PUBLICAÇÃO,
ESSES PROBLEMAS
ERAM TRATADOS DE
MANEIRA EMPÍRICA
OU APENAS
IMAGINOSA

se reduziu a uma questão de conhecimento das leis que regem o universo.

A tese espinosiana da impossibilidade do milagre, como violação da ordem natural, veio comprovar-se nas suas demonstrações. E as leis dessa ordem, como vemos no capítulo primeiro do Livro III, são todas naturais, quer digam respeito às relações materiais, quer às espirituais e morais. Não existe o sobrenatural, senão para a ignorância humana das leis naturais, uma vez que o universo é um sistema único, e todas as suas partes se entrosam na grande estrutura.

O PROBLEMA RELIGIOSO

A NATUREZA RELIGIOSA do *Livro dos espíritos* ressalta desde as suas primeiras páginas. Como já vimos Kardec o inicia pela definição de Deus. Mas o Deus espírita não é antropomórfico, não é um ser constituído à imagem e semelhança do homem, como o das religiões. A definição espírita é incisiva: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

Assim como, para Espinosa, Deus é a substância infinita, para Kardec é a inteligência infinita. Mas assim como erraram os que confundiram a substância espinoziana com o Universo, assim também se enganam os que confundem a inteligência infinita com o homem finito, e a religião espírita com os formalismos religiosos.

Os atributos de Deus não se confundem com os precários atributos humanos: ele é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom. Deus não se confunde com o Universo, pois é o criador e o mantenedor do Universo. Entretanto, ao tratar da justiça de Deus, vemos Kardec empregar uma terminologia antropomórfica, falando em castigos e recompensas, o que tem dado motivo a afirmar-se que o Deus espírita é semelhante ao das religiões.

O DEUS ESPÍRITA NÃO É ANTROPOMÓRFICO, NÃO É UM SER CONSTITUÍDO À IMAGEM E SEMELHANÇA DO HOMEM, COMO O DAS RELIGIÕES

A explicação desse fato, que à primeira vista parece contraditório, está no item dez do capítulo primeiro: “O homem pode compreender a natureza íntima de Deus? Não. Falta-lhe, para tanto, um sentido.” E logo a seguir vem a explica-

ção de Kardec a respeito. Mais adiante, no item treze, encontramos a resposta de que os atributos de Deus, a que nos referimos acima, são apenas uma interpretação humana, aquilo que o homem pode conceber a respeito de Deus, no seu estágio atual de evolução. Kardec, portanto, emprega a linguagem que podemos empregar, de maneira compreensiva, para tratar de Deus. Não humaniza a Deus, mas apenas o coloca ao alcance da compreensão humana.

Não obstante, a natureza suprema de Deus, como inteligência infinita e causa primária, é sempre resguardada. Vemos isso em todo o primeiro capítulo e em muitas outras passagens do livro. No capítulo sobre o panteísmo,

qualquer confusão entre o Criador e a criação foi afastada. O Deus espírita não é antropomórfico, mas também não é panteísta. Por outro lado, *O livro dos espíritos* veda imediatamente o caminho às especulações ilusórias e imaginosas sobre a natureza de Deus.

Uma vez que falta ao homem o meio de compreendê-lo, inútil será tentar a sua definição através de suposições ingênuas ou atrevidas. É o que vemos no item 14 do primeiro capítulo, no estabelecimento de um princípio que define de maneira absoluta a posição do espiritismo em face do problema, separando-o decisivamente de todas as escolas de teologia especulativa ou de ocultismo de qualquer espécie. Vejamos esse trecho fundamental:

“Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial. Acreditai no que vos digo e não queirais ir além. Não vos percais num labirinto de onde não poderíeis sair. Isso não vos tornaria melhores, mas talvez, um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, pois, de lado, todos esses sistemas; tendes que vos desembaraçar de muitas coisas que vos tocam mais diretamente. Isto vos será mais útil do que querer penetrar o que é impenetrável.”

Deus, como inteligência infinita ou suprema, é o que é. Não comporta especulações ociosas, definições

imaginosa. O homem deve conter-se nos limites de si mesmo, cuidar das suas imperfeições, melhorar-se. Basta-lhe saber que Deus existe, e que é justo e bom. Disso ele não pode duvidar, porque “pela obra se reconhece o obreiro”, a própria natureza atesta a existência de Deus, sua própria consciência lhe diz que ele existe, e a lei geral da evolução comprova a sua justiça e a sua bondade. Descartes dizia que Deus está na consciência do homem como a marca do obreiro na sua obra. Os espíritos confirmam esse princípio, mas vão além, mostrando que a marca do obreiro está em todas as coisas, na natureza inteira. A negação de Deus é, para o espiritismo, como a negação do sol. O ateu, o descrente, não é um condenado, um pecador irremissível, mas um cego, cujos olhos podem ser abertos, e realmente o serão. Porque Deus é necessariamente existente, segundo o princípio cartesiano. Nada se pode entender sem Deus. Ele é o centro e a razão de ser de tudo quanto existe. Tirar Deus do Universo é como tirar o sol do nosso sistema. Simples absurdo.

Mas, pelo fato de não ter a forma humana, de não se assemelhar ao homem, no tocante à constituição física deste, não se segue que Deus esteja distante do homem e indiferente a ele. O Deus espírita se assemelha ao aristotélico, pelo seu poder de atração, mas se afasta dele, quanto

à indiferença em relação ao cosmos. Porque Deus é providência, Deus é amor, é o criador e o pai de tudo e de todos.

O Universo se define por uma tríade, semelhante às tríades druídicas, Deus, espírito e matéria. Vemos isso no item 27, quando Kardec pergunta se existem dois elementos gerais, o espírito e a matéria, e os espíritos respondem: “Sim e acima de ambos, Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Essas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal.” A matéria, porém, não é só o elemento palpável, pois há nela o fluido universal, o seu lado fluídico, que desempenha o papel de intermediário entre o plano espiritual e o propriamente material.

Diante dessa concepção, surge um problema de ordem teológica e escriturística. Se Deus não se assemelha ao homem, como entender-se a passagem bíblica segundo a qual ele criou o homem à sua imagem e semelhança? A explicação vem no item 88, quando Kardec pergunta pela forma do espírito, não daquele que ainda está revestido do corpo espiritual ou perispírito, mas do espírito puro.

Vejam a pergunta e a resposta no original: “Os

PARA KARDEC, DEUS É A
INTELIGÊNCIA INFINITA

espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante? Aos vossos olhos, não; aos nossos, sim. Eles são, se o quiserdes, uma flama, um clarão ou uma centelha etérea.” Como se vê, o homem, na sua essência – naquilo unicamente em que ele pode assemelhar-se a Deus – não é um animal de carne e osso, nem mesmo uma forma humana em corpo espiritual, mas uma centelha etérea. Foi assim que Deus o fez à sua imagem e semelhança.

Colocado o problema fundamental de Deus e da criação, *O livro dos espíritos* entra pelo controvertido terreno da destinação humana. Sua concepção deísta do Universo é necessariamente teleológica. Tudo avança para Deus, do átomo ao arcanjo, como vimos no item 540, e à frente dessa marcha, no plano terreno, encontra-se o homem. Vêmo-lo numa escala evolutiva, na terra como no espaço: do imbecil ao sábio, do criminoso ao santo.

A “escala espírita”, que começa no item 100, nos oferece uma visão esquemática dessa escada de Jacó, que vai da terra ao céu. O estudo da “progressão dos espíritos”, que começa no item 114, nos mostra a necessidade do esforço próprio para que o espírito se realize a si mesmo, revelando-nos ao mesmo tempo o papel da Providência, sempre amorosamente voltada para as criaturas. No estudo sobre “anjos e demônios”, que se inicia no item 128, defrontamo-nos

com um debate teórico sobre passagens evangélicas. O problema da justiça de Deus é equacionado à luz dos ensinamentos de Cristo, no seu verdadeiro sentido.

A seguir, *O livro dos espíritos* trata da encarnação dos espíritos e da finalidade da vida terrena. Combate o materialismo, mostrando a sua inconsistência. Não são os estudos que levam o homem a ele, não é o desenvolvimento do conhecimento que o torna materialista, mas apenas a sua vaidade. É o que vemos no item 148: “Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos. É o homem que deles tira uma falsa consequência, pois ele pode abusar de tudo, mesmo das melhores coisas.”

Kardec corrobora a tese dos espíritos: o materialismo é uma aberração da inteligência. É o que nos diz no início do seu comentário: “Por uma aberração da inteligência, há pessoas que não veem nos seres orgânicos nada mais que a ação da matéria, e a esta atribuem todos os nossos atos.”

E assim prossegue o livro, todo ele impulsionado pelo sopro do espírito, impregnado pelo sentimento religioso, e mais particularmente, pelo sentido cristão desse sentimento. Quando, no item 625, Kardec pergunta qual o tipo humano mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e modelo, a resposta é incisiva: “Vede Jesus.” E Kardec comenta: “Jesus é para o homem o tipo de

perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra.”

KARDEC
CORROBORA
A TESE DOS
ESPÍRITOS: O
MATERIALISMO É
UMA ABERRAÇÃO
DA INTELIGÊNCIA

A religião espírita se traduz em espírito e verdade. O que interessa a Deus não é a precária exterioridade dos ritos e do culto convencional, quase sempre vazio: é o pensamento e o sentimento do homem. A adoração da divindade é uma lei natural, quanto a lei de gravidade. O homem gravita para Deus como a pedra gravita para a terra e esta para o sol. Mas as manifestações exteriores da adoração não são necessárias.

No item 653 vemos a clara resposta dos espíritos a respeito: “A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as vossas ações, pensai sempre que um Senhor vos observa.” A vida contemplativa é condenada, porque inútil, assim também a monacal, pois Deus não quer o cultivo egoísta do sentimento religioso, mas a prática da

caridade, a experiência viva e constante do amor, através das relações humanas.

O *livro dos espíritos* não deixa de lado o problema do culto religioso, que necessita manifestar a sua religiosidade. Essa manifestação se verifica nas formas naturais de adoração, uma das quais é a prece. Pela prece o homem pensa em Deus, aproxima-se dele, põe-se em comunicação com ele. É o que vemos a partir do item 658. Pela prece, o homem pode evoluir mais depressa, elevar-se mais rapidamente sobre si mesmo. Mas a prece também não pode ser apenas formal. Por ela, podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer a Deus, mas desde que o façamos com o coração, e não apenas com os lábios.

Temos assim a religião espírita, que mais tarde se definirá de maneira mais objetiva ou direta em *O evangelho segundo o espiritismo*. Uma religião psíquica, como a chamou Conan Doyle, equivalente à “religião dinâmica” de Bergson. No capítulo V da “Conclusão”, Kardec afirma: “O espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e recompensas futuras, e porque sobretudo mostra essas penas e recompensas como conseqüências naturais da vida terrena, oferecendo um quadro do futuro em que nada pode ser contestado pela mais exigente razão.” Enfim: religião positiva,

baseada nas leis naturais, destituída de aparatos misteriosos e de teologia imaginosa.

Para completar o quadro religioso de *O livro dos espíritos* temos ainda o capítulo XII do Livro III e todo o Livro IV. No capítulo referido Kardec trata do aperfeiçoamento moral do homem, encara os problemas referentes às virtudes e aos vícios, às paixões, ao egoísmo, define por fim o caráter do homem de bem e conclui com uma mensagem

DEUS NÃO QUER O CULTIVO
EGOÍSTA DO SENTIMENTO
RELIGIOSO, MAS A PRÁTICA DA
CARIDADE, A EXPERIÊNCIA VIVA
E CONSTANTE DO AMOR, ATRAVÉS
DAS RELAÇÕES HUMANAS

de Santo Agostinho sobre a maneira de nos conhecermos a nós mesmos. No Livro IV temos um capítulo sobre as penas e gozos terrenos, que é um código da vida moral na terra, verdadeiro catecismo da conduta espírita, e um capítulo sobre as penas e gozos futuros, sobre as consequências espirituais do nosso comportamento terreno.

ESTUDOS FUTUROS

ESTE, EM LINHAS GERAIS, o livro que a 18 de abril deste ano* completou cem anos, e cujo primeiro centenário foi celebrado em todo o mundo civilizado, pelos adeptos do espiritismo. Sua estrutura, como se vê, o coloca entre os tratados filosóficos, e seu conteúdo se relaciona com todos os aspectos fundamentais do conhecimento. Sua simplicidade aparente é tão ilusória como a da superfície tranquila de um grande rio.

Como no *Discurso do método*, de Descartes, a clareza do texto pode enganar o leitor desprevenido. As coisas mais profundas e complexas aparecem na linguagem mais direta e simples, e a compreensão geral do livro só pode ser alcançada por aquele que for capaz de apreender todos os nexos entre os diversos assuntos nele tratados.

Até hoje, cem anos depois de sua publicação, *O livro dos espíritos* vem sendo lido e meditado, no mundo inteiro, mas pouco se tem cuidado de analisá-lo em suas múltiplas implicações e em sua mais profunda significação. Acreditamos que o segundo século do espiritismo, que

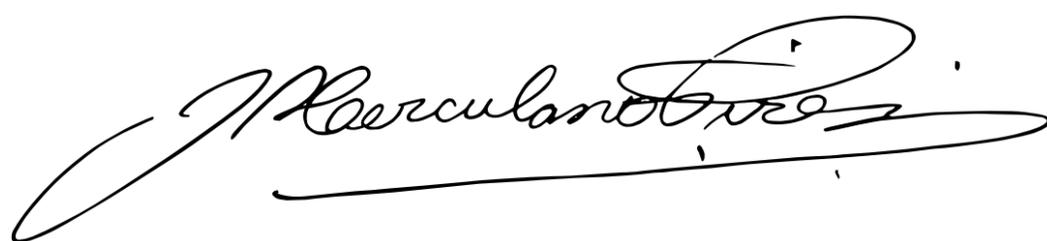
* Esta introdução foi redigida por J. Herculano Pires por ocasião da edição especial da LAKE, traduzida por ele mesmo, comemorativa do centenário de *O livro dos espíritos*, em 18 de abril de 1957. (Nota da Editora)

ESTUDOS FUTUROS
VIRÃO REVELAR,
CADA VEZ DE
MANEIRA MAIS
CLARA, O
VERDADEIRO PAPEL
DO ESPIRITISMO
NA HISTÓRIA DO
CONHECIMENTO

se iniciou neste ano, será assinalado por uma atitude mais consciente dos próprios espíritas em face deste livro, e que estudos futuros virão revelar, cada vez de maneira mais clara, o seu verdadeiro papel na história do conhecimento.

Para concluir, lembremos que *sir* Oliver Lodge, o grande físico inglês, uma das mais altas expressões

de cultura científica do nosso tempo, considerou o espiritismo, no seu livro sobre *A imortalidade pessoal*, como “uma nova revolução copérnica”, E Léon Denis, o sucessor de Kardec, legítima expressão da cultura francesa, proclamou no Congresso Espírita Internacional de Paris, em 1925, e no seu livro *O gênio céltico e o mundo invisível*, de 1927, que o espiritismo tende a reunir e a fundir, numa síntese grandiosa, todas as formas do pensamento e da ciência.





BIOGRAFIA

JOSÉ HERCULANO PIRES nasceu em Avaré, no interior de São Paulo, em 25 de setembro de 1914, e desencarnou em São Paulo em 9 de março de 1979.

Filho do farmacêutico José Pires Correia e da pianista Bonina Amaral Simonetti Pires, fez seus primeiros estudos em Avaré, Itaí e Cerqueira César.

Revelou sua vocação literária desde que começou a escrever. Aos 9 anos fez o seu primeiro soneto, um decassílabo sobre o Largo São João, da sua cidade natal. Aos 16 anos publicou seu primeiro livro, *Sonhos azuis* (contos), e aos 18 anos o segundo livro, *Coração* (poemas livres e sonetos). Já possuía seis cadernos de poemas na gaveta, colaborava nos jornais e revistas da época, da província

de São Paulo e do Rio. Teve vários contos publicados com ilustrações na *Revista da Semana* e no *O Malho*.

Foi um dos fundadores da União Artística do Interior (UAI), que promoveu dois concursos literários, um de poemas pela sede da UAI em Cerqueira César, e outro de contos pela Seção de Sorocaba. Mário Graciotti o incluiu entre os colaboradores permanentes da seção literária de *A Razão*, em São Paulo, que publicava um poema de sua autoria todos os domingos.

Transformou em 1928 o jornal político de seu pai em semanário literário e órgão da UAI. Mudou-se para Marília em 1940 (com 26 anos), onde adquiriu o jornal *Diário Paulista* e o dirigiu durante seis anos. Com José Geraldo Vieira, Zoroastro Gouveia, Osório Alves de Castro, Nichemaja Sigal, Anthol Rosenfeld e outros promoveu, através do jornal, um movimento literário na cidade e publicou *Estradas e ruas* (poemas), que Érico Veríssimo e Sérgio Millet comentaram favoravelmente.

Em 1946 mudou-se para São Paulo e lançou seu primeiro romance, *O caminho do meio*, que mereceu críticas elogiosas de Afonso Schmidt, Geraldo Vieira e Wilson Martins.

Foi professor, poeta, jornalista e crítico literário dos *Diários Associados*, onde trabalhou cerca de trinta anos, mantendo durante vinte anos uma coluna diária sobre

espiritismo com o pseudônimo Irmão Saulo, e durante quatro anos outra seção em parceria com o médium Chico Xavier, sob o título “Chico Xavier pede licença”.

Autor de 81 livros de filosofia, ensaios, histórias, psicologia, pedagogia, parapsicologia, romances e espiritismo, alguns em parceria com Chico Xavier, sendo a maioria inteiramente dedicada ao estudo e divulgação da doutrina espírita. Lançou a série de ensaios “Pensamento da Era Cósmica” e a série de romances e novelas de “Ficção Científica Paranormal”.

Alegava sofrer de grafomania, escrevendo dia e noite. Não tinha vocação acadêmica e não seguia escolas literárias. Seu único objetivo era comunicar o que achava necessário, da melhor maneira possível.

Filósofo da vida e por formação, defendeu pela USP, em 1958, a tese existencialista *O ser e a serenidade*. De 1959 a 1962, foi docente titular da cadeira de filosofia da educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara.

Foi membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia, seção de São Paulo, onde lecionou psicologia. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo de 1957 a 1959. Foi professor de sociologia no curso de jornalismo ministrado pelo Sindicato.

Foi também presidente e professor do Instituto Paulista de Parapsicologia de São Paulo. Organizou e dirigiu cursos de parapsicologia para os centros acadêmicos da Faculdade de Medicina da USP, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, da Escola Paulista de Medicina e em diversas cidades e colégios do interior.

Foi membro da Academia Paulista de Jornalismo, onde ocupou a cadeira “Cornélio Pires” em 1964, e pertenceu à União Brasileira de Escritores, onde exerceu o cargo de diretor e membro do Conselho no ano de 1964.

Exerceu ainda o cargo de chefe do Sub-Gabinete da Casa Civil da Presidência da República no governo Jânio Quadros, no ano de 1961, onde permaneceu até a renúncia do mesmo.

Espírita desde os 22 anos, não poupou esforços na divulgação falada e escrita da doutrina organizada por Allan Kardec, tarefa essa à qual dedicou a maior parte da sua vida.

Foi diretor fundador da revista *Educação Espírita*, publicada pela editora Edicel.

Em 1954 publicou *Barrabás*, que recebeu um prêmio do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, constituindo o primeiro volume da trilogia “A conversão do mundo”. Publicou em 1975 *Lázaro* e, com o romance *Madalena*, concluiu a trilogia.

Traduziu cuidadosamente algumas das obras de Allan Kardec, enriquecendo-as com notas explicativas. Essas traduções foram doadas a diversas editoras espíritas no Brasil, Portugal, Argentina e Espanha. Colaborou ainda com o Júlio Abreu Filho na tradução da *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* de Allan Kardec.

Fiel ao seu ideal de despertar as criaturas para a reflexão e a ação por um mundo melhor, Herculano sabia da importância de se conciliar o amor e a razão para a plenitude do espírito. Ao desencarnar deixou vários originais, que vêm sendo publicados.

Homem simples e dedicado à esposa Maria Virgínia Ferraz Pires e aos quatro filhos, não se preocupava com títulos. Sabia que eles pouco resumiam a sua verdadeira essência, apesar de ter reunido vários deles.



- ▲ J. Herculano Pires e o professor Ney Lobo no lançamento da revista *Educação Espírita*, em 1970 no Centro do Professorado Paulista (São Paulo, SP).
- ▶ J. Herculano Pires e Maria Virgínia Ferraz Pires em um momento de convivência familiar.





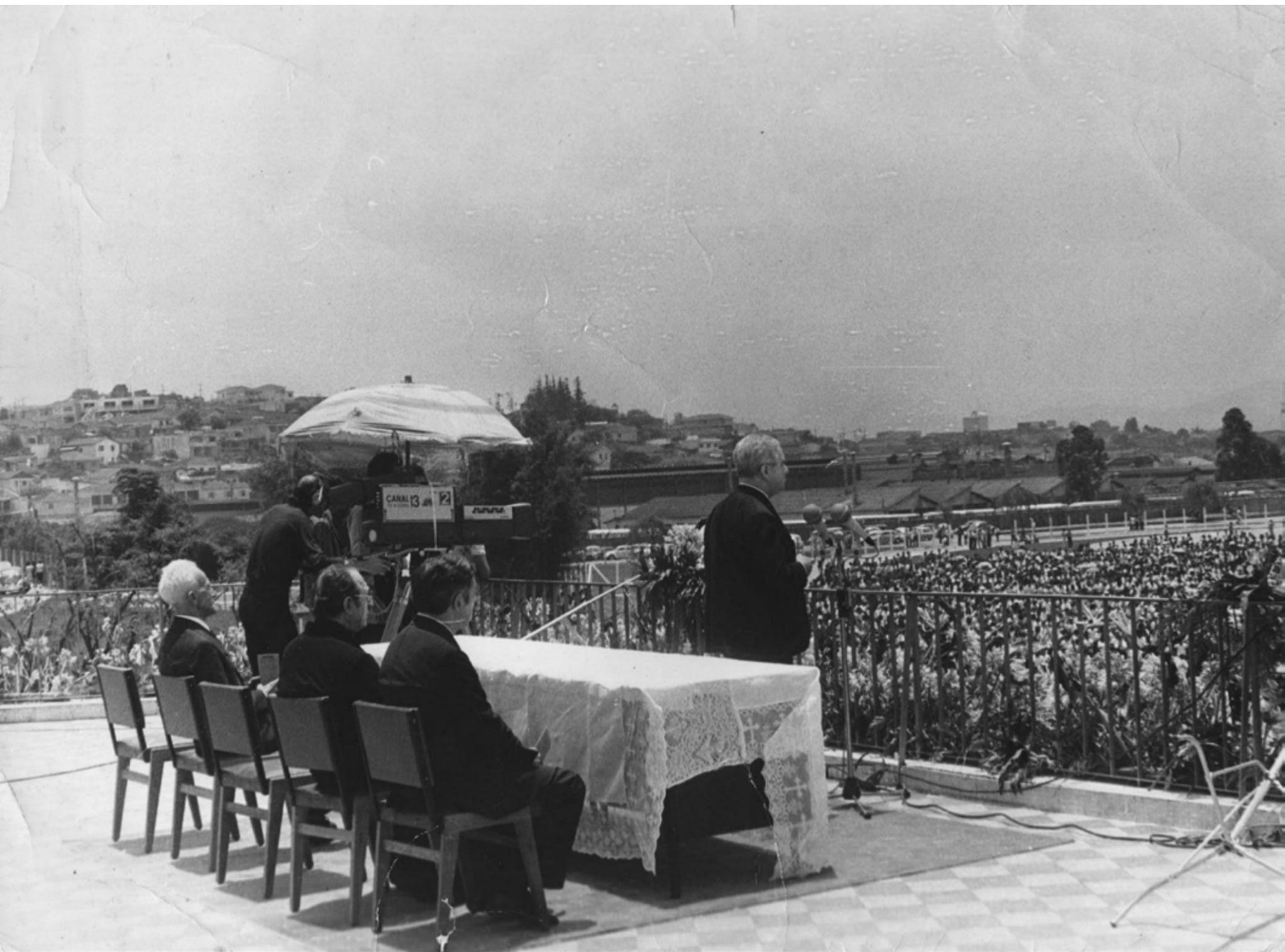
▲ J. Herculano Pires e Maria Virgínia Ferraz Pires em um momento de convivência familiar.



▲ J. Herculano Pires, Merhy Seba (publicitário) e Frederico Gianini (então editor-proprietário da Edicel) no lançamento da revista *Educação Espírita*, em 1970.



- ▶ J. Herculano Pires discursa no começo da Cerimônia do Dia Nacional de Ação de Graças em 1976, na sede do Banco Bradesco (Osasco, SP), sob o incentivo de Amador Aguiar.
- ▶ Compõem a mesa o padre Gregório, o reverendo Boris, J. Herculano Pires e o apresentador da cerimônia.





◀ J. Herculano Pires e Maria Virgínia em um momento de convivência familiar.

▼ J. Herculano Pires junto aos participantes do Grupo de Estudos Espírita do Hospital do Mandaqui (São Paulo, SP), no aniversário do grupo em 1961.

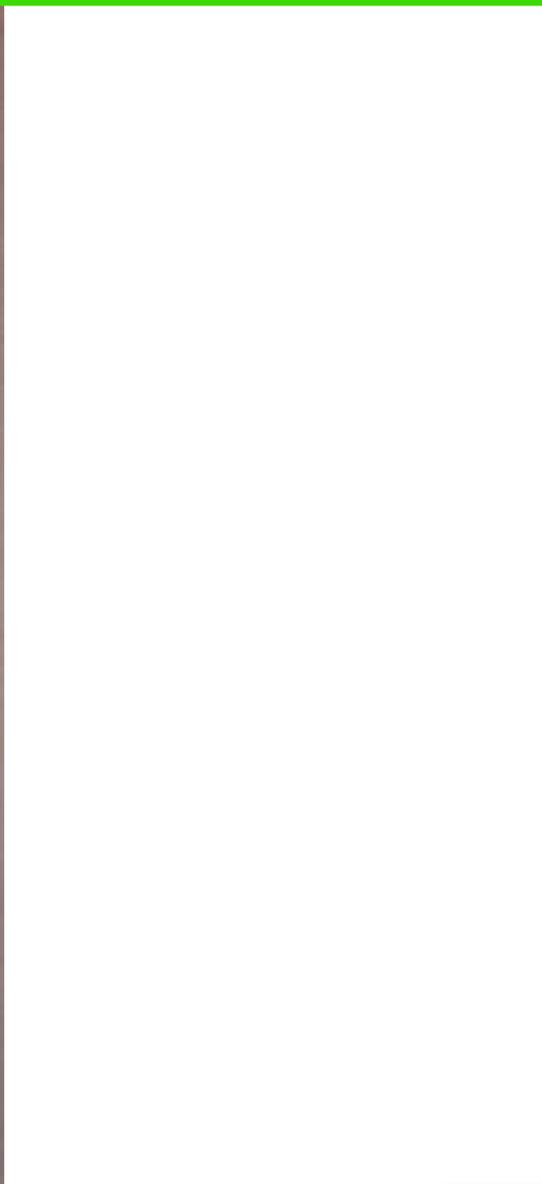




▲ J. Herculano Pires em palestra espírita.

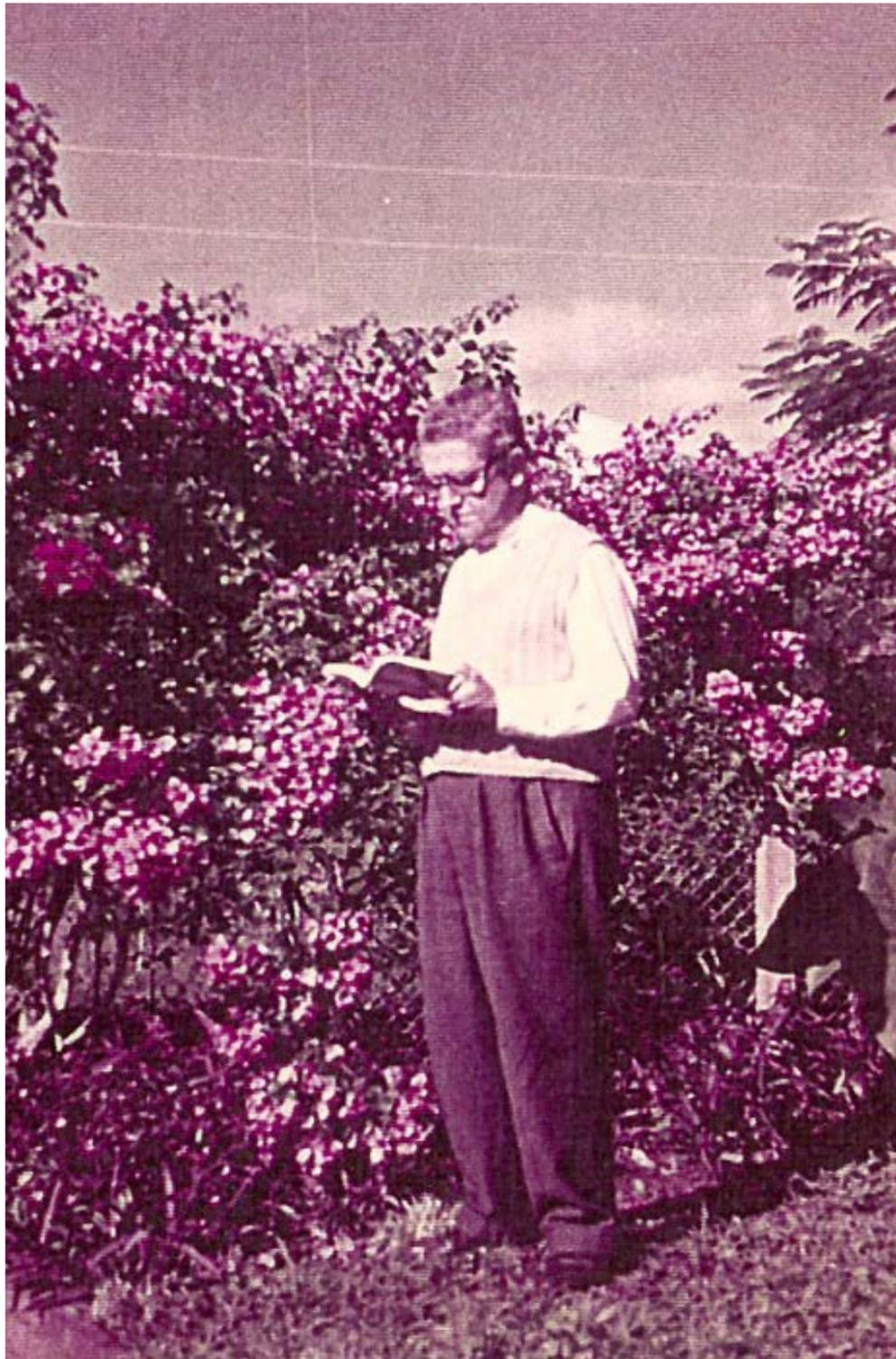
▼ J. Herculano Pires em casa, com amigos.





- ▲ J. Herculano Pires em casa.
- ▶ J. Herculano Pires no lançamento da revista *Educação Espírita*, em 1970.





- ◀ J. Herculano Pires em um momento pessoal.
- ▼ J. Herculano Pires falando durante a abertura solene do III Congresso Educacional Espírita Paulista, no Auditório Nobre da FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo.





À Mãe:
Neste "Dia das Mães" de 1956,
- a quase quarenta e um anos daquele
em que nasci, - esta fotografia de um
rosto cansado, fundamente marcado pe-
la vida, com esses olhos em que se
vêm os sinais das decepções, mas que
não revelam desânimo nem descrença.
Talvez somente a Mãe possa ainda
reconhecer, nesse rosto, os longín-
quos indícios de uma confiança na
vida e de uma constante esperança,
que os anos não conseguiram nem con-
seguirão matar.
Esta foto é presente de um co-
lega de jornal, ampliação da que
tive de fazer para título eleitoral.
Lembre-me de enviar-lhe uma, pa-
ra lhe dar a impressão de uma visi-
ta do filho. Lembre-me a todos e
aceite lembranças de todos daqui,
com um saudoso abraço, muito e
muito apertado, do:
São Paulo, 13⁵ 1956. Zequita

▲ Foto enviada por J. Herculano Pires para a mãe, Bonina Amaral Simonetti Pires.

▲ Verso da foto, com a dedicatória assinada em São Paulo, a 13 de maio de 1956:

À Mamãe,

Neste "Dia das Mães" de 1956, - a quase quarenta e um anos daquele que nasci, - esta fotografia de um rosto cansado, fundamente marcado pela vida, com esses olhos em que se veem os sinais das decepções, mas que não revelam desânimo nem descrença.

Talvez somente a Mãe possa ainda reconhecer, nesse rosto, os longínquos indícios de uma confiança na vida e de uma constante esperança, que os anos não conseguiram nem conseguirão matar.

Esta foto é presente de um colega de jornal, ampliação da que tive de fazer para título eleitoral.

Lembre-me de enviar-lhe uma, para lhe dar a impressão de uma visita do filho. Lembre-me a todos e aceite lembranças de todos daqui, com um saudoso abraço, muito e muito apertado, do:

Zequita



- ▲ J. Herculano Pires e os médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier.
- ▼ J. Herculano Pires e o pastor Manoel de Mello em 1966, durante debate no programa "Em Busca da Verdade", da TV Cultura, produzido e apresentado por Jorge Rizzini.





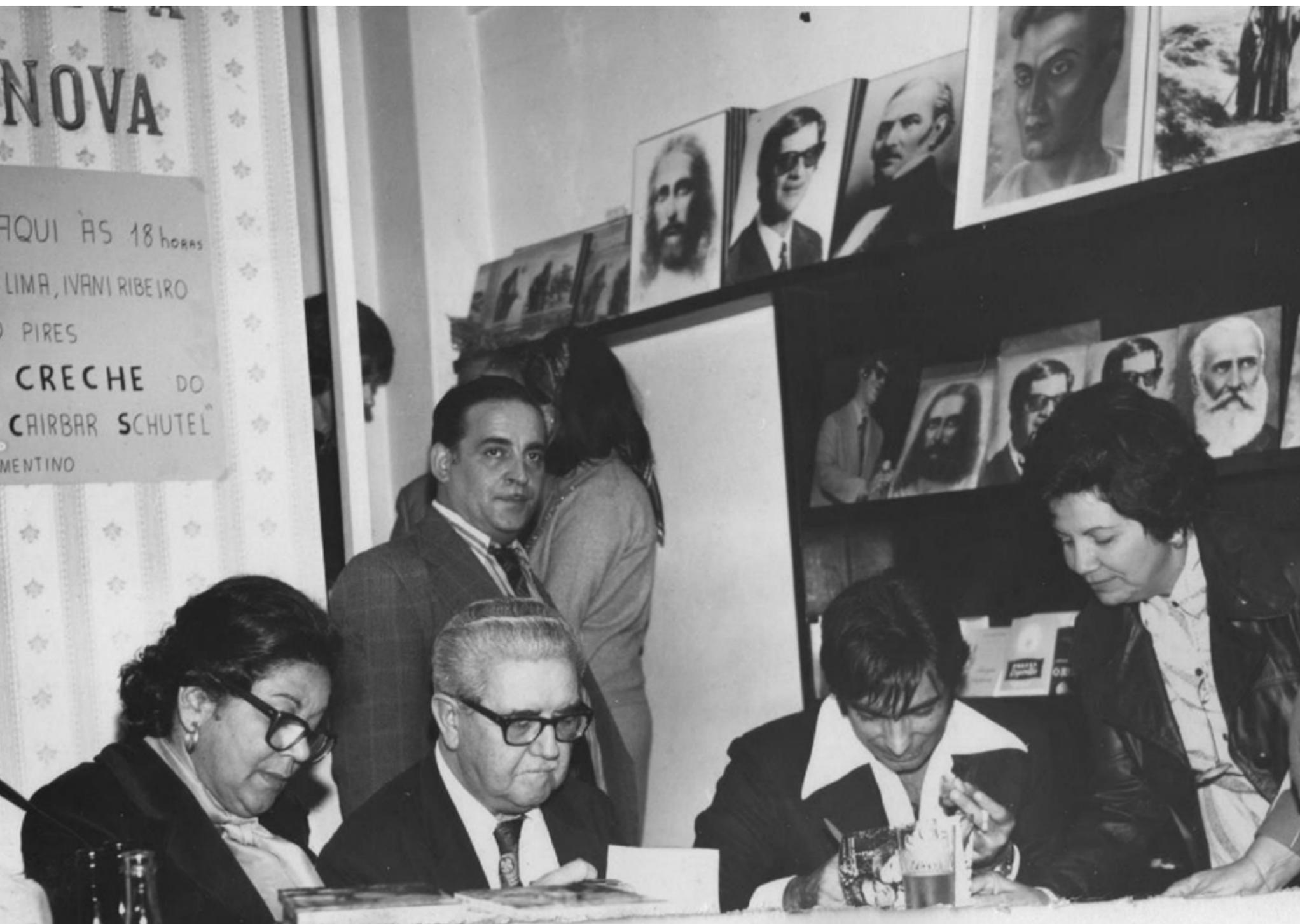
- ▲ J. Herculano Pires e Deolindo Amorim, durante o V Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espírita, em 1972 (Niterói, RJ).
- ◀ J. Herculano Pires em reunião com companheiros espíritas.



◀ J. Herculano Pires em momento antes de palestra espírita.

▼ J. Herculano Pires e o médium Chico Xavier autografando durante a II Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 1972, no Pavilhão da Bienal, no Ibirapuera.





- ▲ Ivani Ribeiro, J. Herculano Pires e o ator Altair Lima, autografando o livro *A viagem*, com o texto da primeira novela com tema espírita da TV brasileira, que estreou em 1975 na antiga TV Tupi
- ◀ J. Herculano Pires em conversa com o escritor italiano Pietro Ubaldi.



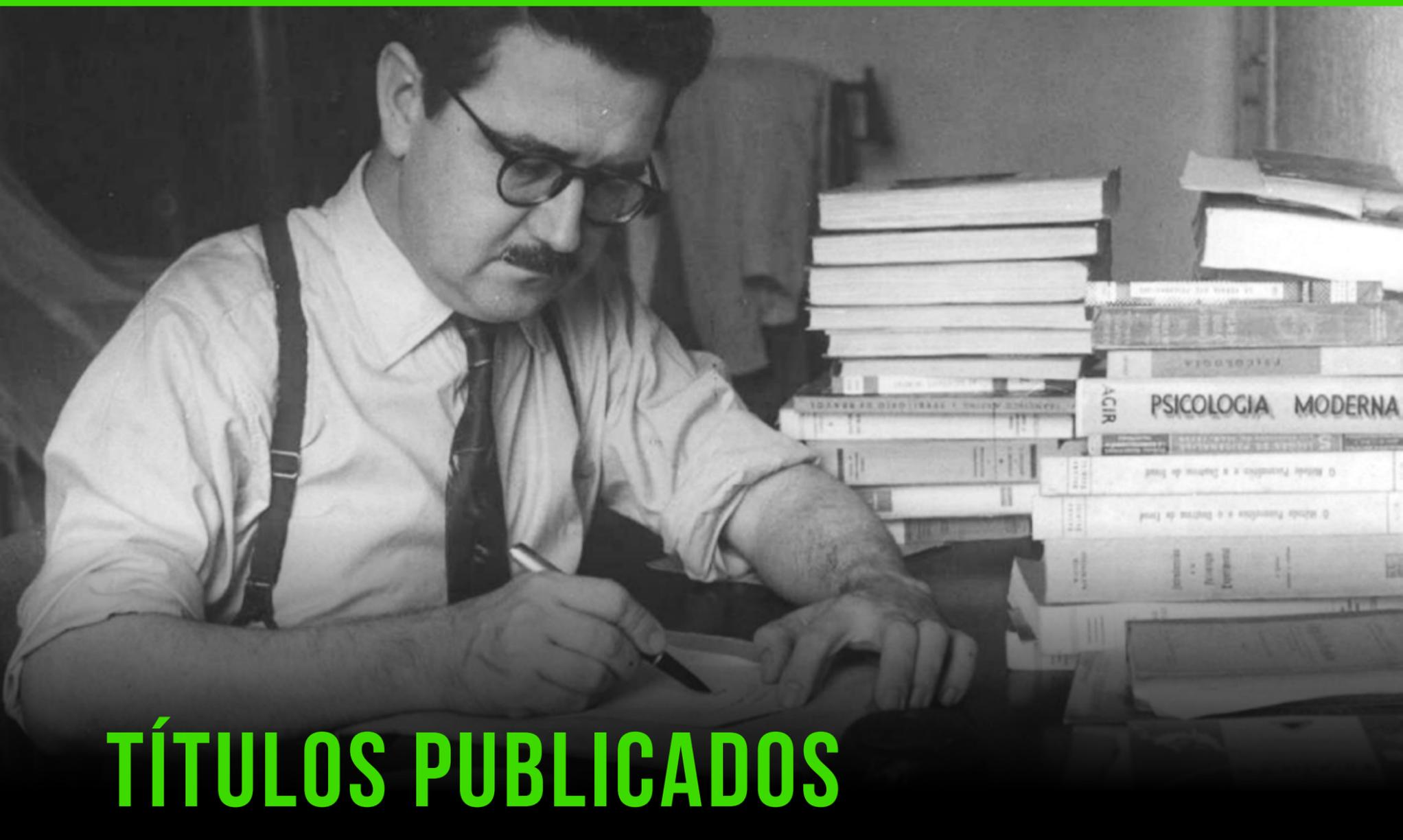
- ▲ J. Herculano Pires durante lançamento de livros.
- ▶ J. Herculano Pires falando durante o II Congresso Estadual Espírita, convocado pela USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, realizado em junho de 1950 e presidido por Edgard Armond.





- ▲ J. Herculano Pires durante lançamento de livros, cercado de companheiros espíritas.
- ▼ J. Herculano Pires em momento com familiares e amigos.





TÍTULOS PUBLICADOS

- *A ciência espírita e suas implicações terapêuticas*
- *A pedra e o joio*
- *A viagem* (em parceria com Ivani Ribeiro)
- *Adão e Eva*
- *Agonia das religiões*
- *Argila* (incorporada ao livro *Poesias*)
- *Arigó – vida, mediunidade e martírio*
- *Astronautas do além* (em parceria com Chico Xavier)
- *Barrabás* (trilogia “A conversão do mundo”)
- *Chico Xavier pede licença* (em parceria com Chico Xavier)
- *Ciência espírita e suas implicações terapêuticas*
- *Concepção existencial de Deus*
- *Coração*

- *Curso dinâmico de espiritismo*
- *Diálogo dos vivos* (em parceria com Chico Xavier)
- *Educação para a morte*
- *Estradas e ruas*
- *Evolução espiritual do homem na perspectiva da doutrina espírita*
- *Introdução à filosofia espírita*
- *Lázaro* (trilogia “A conversão do mundo”)
- *Madalena* (trilogia “A conversão do mundo”)
- *Mediunidade: vida e comunicação*
- *Metrô para outro mundo*
- *Murais* (incorporada ao livro *Poesias*)
- *Na era do espírito* (em parceria com Chico Xavier)
- *Na hora do testemunho* (em parceria com Chico Xavier)
- *No limiar do amanhã* (organizado por Altamirando D. A. Carneiro)
- *O caminho do meio*
- *O centro espírita*
- *O espírito e o tempo*
- *O evangelho de Jesus em espírito e verdade* (organizado por Célia da Graça Arribas)
- *O homem novo*
- *O infinito e o finito*
- *O menino e o anjo*

- *O mistério do bem e do mal*
- *O mistério do ser ante a dor e a morte*
- *O reino*
- *O sentido da vida*
- *O ser e a serenidade*
- *O túnel das almas*
- *O verbo e a carne – duas análises do roustainguismo*
(em parceria com Júlio de Abreu Filho)
- *Obsessão – o passe – a doutrinação*
- *Os filósofos*
- *Os sonhos de liberdade*
- *Os sonhos nascem da areia*
- *Os três caminhos de Hécate*
- *Parapsicologia hoje e amanhã*
- *Pedagogia espírita*
- *Pesquisa sobre o amor*
- *Poesias*
- *Relação espírito-corpo*
- *Revisão do cristianismo*
- *Sonhos azuis*
- *Tempo de Magnólia (no prelo)*
- *Um Deus vigia o planalto*
- *Vampirismo*
- *Visão espírita da Bíblia*

OBRAS DE ALLAN KARDEC

- *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo* (apresentação do livro e comentários)
- *Introdução ao espiritismo* (comentários)
- *O céu e o inferno* (tradução da primeira parte e comentários)
- *O evangelho segundo o espiritismo* (tradução e comentários)
- *O livro dos espíritos* (tradução e comentários)
- *O livro dos médiuns* (tradução e comentários)
- *O que é o espiritismo* (introdução)
- *Obras póstumas* (introdução e comentários)
- *Pedi e obtereis* (tradução)
- *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* (tradução das poesias na coleção de doze volumes traduzida por Júlio Abreu Filho)

FUNDAÇÃO MARIA VIRGÍNIA E J. HERCULANO PIRES

CRIADA EM 23 DE AGOSTO DE 2001, desde 10 de maio de 2004 está instalada em sede própria, na Vila Clementino, na capital de São Paulo, na casa em que Maria Virgínia Ferraz Pires e J. Herculano Pires residiram de 1949 a 1979.

A Fundação tem como objetivo conservar, recolher material e divulgar o acervo de J. Herculano Pires: sua obra poética, literária, filosófica e doutrinária. Visa, através da conservação e disponibilização de livros, artigos, crônicas, gravações, palestras, iconografia etc., dar continuidade à divulgação da doutrina espírita, da qual foi

um diligente divulgador, por meio da tradução e comentários das obras de Allan Kardec.

A Fundação conta também com os acervos pessoais de Jorge Rizzini e Júlio Abreu Filho.



F u n d a ç ã o 
Maria Virgínia e J. Herculano Pires

WWW.HERCULANOPIRES.ORG.BR



ACOMPANHE O MELHOR DO CONTEÚDO ESPÍRITA PELA INTERNET:

WWW.CORREIOFRATERNO.COM.BR



MAIS INFORMAÇÕES:

CORREIOFRATERNO@CORREIOFRATERNO.COM.BR

11 4109-2939 / 11 2356-3254 / 11 97334-5866

